

RESENHAS

DANTAS, José Adalberto Mourão. **Trabalho de Ideologia**, São Paulo, Fundação de Amparo ao Material Didático, 1986. 40 p.

José Rubens Damas Garlipp *

Parcial modificação de sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade Metodista de Piracicaba, o livro de Dantas se caracteriza pelo traço multidisciplinar, reunindo fragmentos teóricos da Sociologia, História, Economia e Filosofia, conforme adverte a Apresentação à obra.

Dantas inicia o seu livro com uma breve Introdução, na qual anuncia ser esse o resultado de uma pesquisa levada em uma grande empresa industrial, com o objetivo principal de verificar a forma como se dá a subordinação do trabalho ao capital – o que lhe impôs um segundo questionamento: pela Ideologia?

A pesquisa mesma comportou dois momentos, onde se deram, no primeiro, a busca e a seleção, nos arquivos do setor de treinamento da empresa, dos materiais pertinentes à investigação proposta; e, no segundo, a leitura estrutural dos mesmos, tentando captar a ideologia contida na sua redação.

Segundo o autor, a sua anterior experiência na área empresarial permitiu a construção da sua hipótese básica, qual seja, "o treinamento é um instrumento de subordinação ideológica do trabalho ao capital através da ideologia dominante" (p. 05). Ainda na Introdução, Dantas revela ter recolhido subsídios teóricos, principalmente, em *O Capital* (Livro I vol. I) de Marx, e em *A Ideologia Alemã* de Marx/Engels, que

servem de fundamentação aos três capítulos de seu livro.

O primeiro capítulo (DA MANUFATURA À MAQUINARIA – A História da Subordinação do Trabalho ao Capital) o autor dedica à análise do processo de trabalho; no segundo (IDEOLOGIA E RECURSOS HUMANOS), subdividido em dois tópicos, estuda a ideologia nas suas formas genérica e particularizada na Administração de Recursos Humanos. No terceiro capítulo (A IDEOLOGIA DO TREINAMENTO), procura demonstrar a ideologia inerente ao treinamento a partir das categorias empresa, hierarquia, disciplina, colaboração, divisão do trabalho, trabalho e honestidade, segundo aparecem nos textos "didáticos" utilizados pela empresa.

Perseguindo a Dominação

Na análise do processo de trabalho, imprescindível para jogar luz na História da Subordinação do Trabalho ao Capital, Dantas repassa o conteúdo dos capítulos centrais do Livro I d'*O Capital*. A perspectiva marxista de trabalho propõe, entre outras, a compreensão (do significado) do divórcio entre concepção e execução das operações *pari passu* a expansão da produção social sob moldes mercantis. A crescente divisão do trabalho (técnica e social) e a considerável elevação da produtividade do trabalho – para ficarmos

* Professor do Dep. de Economia, UFU.

no que interessa aqui –, são motivadas e engendram expressivas modificações nas formas de organização da produção e nas suas relações.

Dantas chama atenção, corretamente, para o seguinte: na Manufatura, embora as mudanças técnicas não vençam os pretéritos métodos de trabalho (mas, antes, promovem adequações dos instrumentos), já ocorrem alterações fundamentais na *racionalia* do processo de trabalho, pois exponenciam-se as vantagens da cooperação (agora tornando-se orgânica), cuja resultante imediata e singular é a força produtiva coletiva. Então, no período manufatureiro, “a produtividade específica da jornada de trabalho é a força produtiva social do trabalho ou a força do trabalho social” (Marx, *O Capital*, p. 378 – JAMD), e “o [seu] mecanismo específico é o trabalhador coletivo, constituído de muitos trabalhadores parciais” (Marx, *O Capital*, p. 400 – JRDG). No entanto, as “vantagens” advindas dessa produtividade específica somente são vantagens sem aspas sob o prisma da valorização do capital, cabendo, pois, ao capitalista o exercício de uma série de funções particulares à apropriação do excedente aumento assim obtido. Estando, porém, o manejo das ferramentas adstrito ao trabalhador parcial, o processo de valorização do capital continua guardando dependência das vicissitudes do processo de trabalho. Daí o capitalista, enquanto personificação do capital (“portador de determinadas relações de classe e interesses” – Marx, *Prefácio à 1ª Edição*), assumir, necessariamente, o controle do processo de trabalho, e, portanto, do trabalho mesmo, através da coação, da vigilância e até da repressão. Nesse sentido é que, pode-se dizer, há uma

subordinação (dominação) tanto técnica quanto despótica do capital sobre o trabalho, embora insuficiente no que respeita ao curso tipicamente capitalista da acumulação, que requer e propõe a superação da estreita base técnica manufatureira.

É com a maquinaria, com a cooperação entre máquinas, lembra Dantas, que o processo de trabalho consegue responder à dupla determinidade requisitada e alcançada pelo capital: ser ao mesmo tempo processo de produção de mercadorias e processo de valorização do capital. Diminuíram os entraves à acumulação e atingiu-se a objetividade do processo, objetividade essa que, para Dantas, “tem como meta tirar do trabalhador o controle das ferramentas, para poder mais facilmente subordinar” (p.12). E, até que o processo de trabalho esteja totalmente objetivado, entra em cena o *staff* gerencial para fazer valer as normas estabelecidas e para convencer os trabalhadores a serem leais para com a empresa. Então, conclui Dantas, “além da subordinação do trabalho via objetivação do processo, o capital procura diminuir os entraves restantes, via inculcação ideológica, no próprio processo” (p.12).

(Des)ofuscando o Real

O autor pretende, no segundo capítulo, demonstrar como se formou, e sob quais condições, o conjunto de explicações sobre o real (as ‘verdades incontestáveis’), desde a especulação metafísica da antiguidade até as concepções científicas atuais. De relance, é claro, e desprezando, deliberada e acertadamente, as *definições* de Ideologia.

Dantas discorre, então, sobre as sociedades primitivas, cujas civilizações derivavam suas idéias sobre o real a partir do plano teológico. Apoiado em M. Chauí (*O que é Ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1982), mostra que a superação desse primeiro estágio da ideologia (de 'pureza ideológica') se processa com a teoria aristotélica das quatro causas, elaborada com a pretensão de explicar (e entender) o movimento – e, portanto, o universo. Sob tal formulação, ressalta Dantas, a realidade é explicada por idéias não vinculadas com as reais condições de existência. A concepção da causalidade vem *legitimar* uma sociedade grega hierarquizada, antes que *capturar* o real; e, nesse sentido, funciona ideologicamente: "As especulações metafísicas passavam realmente a influenciar a sociedade grega de forma ideológica, já que as condições reais de existência dos indivíduos eram 'ofuscadas' pela ideologia" (p. 15).

Esse ofuscamento da realidade também se encontra na construção teórica dos positivistas que, em todos os seus matizes, "foram pródigos na produção de idéias". Dantas repassa o naturalismo comtiano, suas premissas e seu corolário, visando reter a inversão da realidade presente nessa corrente filosófica: "Na sociedade orgânica de Comte não existe contradição de classe, os membros são solidários" (p. 15). E, ao reduzir todas as ciências ao mesmo *status* das ciências naturais, Comte estabelece que os homens são meros espectadores dos fatos sociais, pois esses últimos são sempre fenômenos da natureza. Destarte, um importante sustentáculo do positivismo – *viver para outrem* –, ao pregar a solidariedade (do trabalho – *o trabalho dignifica o homem*), inequivocamente pro-

põe a passividade e advoga a não contestação. Assim é que, pode-se dizer, em uma sociedade regida por leis naturais imutáveis – ao largo da vontade e da razão humanas –, na qual impera a harmonia, toda atividade social submete-se passivamente à *ordem* vigente, contribuindo os homens para com o *progresso* do organismo social.

A postura positivista inverte, pois, a realidade, e isso porque constrói um edifício de idéias para, a partir dele e com ele, vir a explicá-la, "quando deveria ser o contrário": partir-se do real (enquanto condições e formas da organização dos homens em uma sociedade determinada) para se compreender as idéias ("o que, como e porque os homens pensam e agem de maneiras determinadas" – Chauí, p.20 – JAMD). Em outras palavras, é preciso considerar que a representação, o pensamento e o intercâmbio espiritual que os homens estabelecem entre si e para si brotam mesmo da sua atividade material, da produção.

Isso é o que nos ensina o Marx d'A *Ideologia Alemã*, e é com ele que Dantas afirma residir na divisão do trabalho a possibilidade de as idéias não partirem do real, senão antes se constituírem em ideologia. Ou seja, juntamente com a divisão entre trabalho material e trabalho espiritual, pode surgir a representação de algo pela consciência sem que algo real esteja sendo representado: "Quando as idéias não partem do real elas mascaram esta realidade, escondem as verdadeiras relações e a forma como são produzidas. Escondem a opressão do capital sobre o trabalho, escondem a dominação política e todas as relações de produção. Esta propriedade que têm as idéias de ocultar a realidade chama-se ideologia" (p. 17).

A par dessa conceituação de ideologia, Dantas expõe a funcionalidade de que a ideologia assume em uma sociedade de classes. Para tanto, respaldado em M. Harnecker (*Os Conceitos Elementares do Materialismo Histórico*, São Paulo, Cortez e Moraes, 1977), mostra que a ideologia tem por função garantir, preservar mesmo uma determinada relação dos homens entre si e destes com suas condições de existência, provocando a adaptação dos indivíduos às tarefas a eles reservadas pela sociedade. Desse modo, cabe à ideologia "assegurar a dominação de uma classe sobre as demais, fazendo os explorados aceitar suas próprias condições de exploração" (Harnecker, p. 102 - JAMD). Entram em cena, então, os Aparelhos Ideológicos do Estado (os *canais de propagação ideológica*, cf. L. Althusser, "*Idéologie et appareils idéologiques d'Etat*". *La Pensée*, 1970), que permitem à dominação prescindir dos mecanismos de coação (próprios dos Aparelhos Repressivos do Estado) e que se traduzem no veio privilegiado da inculcação ideológica. Do que foi posto resulta, para o autor, que "a ideologia é indispensável para permitir que as condições de reprodução da classe dominante sejam possíveis sem perturbação ou sem contestação por parte dos dominados" (p. 18).

Com esse pano de fundo, Dantas procura, em seguida, discutir a ideologia na sua forma particularizada na Administração de Recursos Humanos (ARH). Didaticamente, esclarece a terminologia empregada ao fator humano na área empresarial; coloca o sentido histórico da ARH (pois que esta modifica-se na medida em que as forças produtivas evoluem); e comenta os diversos métodos de organização do tra-

balho, destacando o método taylorista e seus princípios despóticos (controle do tempo e dos movimentos, remuneração 'adequada' aos operários dóceis e preparo 'científico' do trabalhador). Aponta ainda para o significado da Escola de Relações Humanas de Elton Mayo como sendo a responsável pelos novos rumos imputados à ARH, dada a sua prática de considerar importante não só as necessidades materiais dos trabalhadores, mas também as necessidades tidas como subjetivas. Desenvolvendo planos de assistência social e psicológica, de assistência médica e de recreação ao trabalhador, a ARH com roupagem *humanística* objetiva promover a integração do elemento humano à empresa, com uma dupla finalidade "De um lado, adaptar o trabalhador às condições inerentes ao processo de trabalho, e por outro lado, desenvolver atividades extra processo de trabalho que ideologicamente subordinem o trabalhador ao capital" (p. 22).

Enfim, considera Dantas, a posição moderna da ARH, ao exercer a coordenação dos interesses do trabalhador e do capitalista, enquanto *mediadora* de conflitos, é ela mesma "um componente ideológico da classe dominante, visto que teoricamente ela mascara as verdadeiras condições do trabalhador". É plausível acreditar, pois, salienta o autor, "que o treinamento exerce uma função primordial na adaptação do trabalhador ao processo de trabalho, tanto do ponto de vista técnico quanto do ponto de vista ideológico" (p. 23), e isso Dantas intenta demonstrar no terceiro capítulo e em sua Conclusão.

Instrumentalizando a Ideologia

○ estudo crítico que o autor em-

preende através da leitura estrutural dos textos 'didáticos' – "preocupada em desvendar o oculto" –, indica que os mesmos "ideologicamente procuram transmitir a idéia da harmonia e da solidariedade", tornando claro que "a fábrica assumiu o ideal positivista" e com ele "procura inculcar [no trabalhador – JRDG] a ideologia dominante".

Ao analisar as categorias que mais aparecem nos textos "pedagógicos" utilizados pelo setor de treinamento, Dantas nota que a *empresa* tem destacada a sua responsabilidade social (porque 'objetiva servir a todos'), e não a sua característica maior, que é a de ser *locus* da acumulação de capital. Textualmente, a empresa é o local onde as pessoas trabalham em sintonizada harmonia, e o seu crescimento econômico decorre da perseverança dos trabalhadores. Na empresa, conforme se pode depreender das mensagens textuais, o processo de trabalho é algo natural. Demais, a ausência da idéia de propriedade privada, a omissão da figura do capitalista e a conclamação para que todos contribuam na promoção do progresso, assinala Dantas, conferem aos textos o seu caráter dissimulador do real.

A *estrutura hierárquica* da empresa, por seu turno, não tem revelada a sua origem, senão o contrário: os textos desqualificam-na enquanto estrutura de poder que efetivamente é, para caracterizá-la como uma estrutura auxiliar e amiga dos trabalhadores no processo de trabalho (p. 28).

Já a *disciplina* tem o seu sentido colocado de forma abrangente, sendo passada como sinônimo de "concordância com as normas estabelecidas", e, de outra parte, sua gênese é também obscurecida. O poder disciplinador, de-

corrente de um poder estabelecido pelo modo de produção, que obriga o cumprimento das regras da empresa, resalta Dantas, tem como objetivo legítimo o que em verdade se constituiu legalmente, "já que o chamamento ao dever supera a idéia do dever enquanto uma obrigação motivada por um salário ou por coação" (p. 30). A ruptura com as normas acaba por significar indisciplina, falta para com o conjunto de trabalhadores, e portanto sujeita às sanções. De resto, a punição aparece nos textos como independente da posição do trabalhador na estrutura organizacional.

Os textos sobre *colaboração*, detecta Dantas, traduzem-se em mensagens que visam enaltecer o desprendimento do trabalhador que ajuda alguém a realizar as suas tarefas, e daquele que está pronto para prestar serviço a qualquer hora. Todo texto que apregoa a colaboração, retrata Dantas, deseja mesmo inculcar a passividade: "O trabalhador que coopera conforme o apelo do texto subordina-se sem nada exigir" (p. 31). Existe uma forte manifestação ideológica quando os textos abordam a colaboração como sendo desejo de todos, como todos tendo a necessidade de colaborar irrestritamente e, por conseqüência, se colabora sem contrapartidas.

O autor resgata das mensagens textuais, o que tange à *divisão do trabalho*, uma íntima correlação entre a hierarquização do saber, a qualificação, e a hierarquização salarial. E a rigidez da divisão do trabalho, que não permite que um trabalhador procure voluntariamente aprender ou realizar tarefas que não da sua especialidade, "mantém os trabalhadores presos às suas funções, mesmo que estes tenham capacidade

para aprender os ofícios concomitantemente com os que já executam" (p. 32). O importante a retratar, segundo Dantas, é que "ao fazer a apologia do 'domínio' das tarefas como consequência da especialização, os manuais escondem que o aumento da produtividade permite uma maior exploração da mão-de-obra e conseqüentemente o aumento da mais-valia" (p. 32).

A concepção de *trabalho* transmitida pelos textos o confunde com virtude, dever, satisfação, e o propõem como canal privilegiado, senão exclusivo, "para se vencer na vida". Assim, o trabalho é o divisor de águas entre o bom e o mau trabalhador, importando igualmente o trabalho do operário e o "trabalho" do proprietário: "A valorização que se faz do trabalho, em certas leituras dos manuais, é profundamente ideológica porque fornece ao leitor uma imagem irreal do real, uma imagem deturpada das condições do processo de trabalho" (p. 33).

O trabalho deve ser desempenhado, conforme os textos, com *honestidade*. Dantas registra que essa categoria, embora pouco freqüente, quando surge é sempre tratada pelo seu contrário, ou seja, falta de honestidade. Daí são passadas as idéias de desonestidade daquele trabalhador que subtrai ao patrão, que chega atrasado ao serviço, que não cumpre com as suas obrigações, que não é justo.

Por tudo isso, pode-se dizer que os textos "didáticos" informam uma naturalidade dos acontecimentos do real, ao exporem as relações sociais de forma mecânica, estanque, como que separadas da realidade. Para Dantas, o material de treinamento se configura, portanto, em "um instrumento de dominação, na medida em que não permite

ao leitor vislumbrar a totalidade que constitui as relações sociais" (p. 36). Recuperando o que foi colocado nos capítulos anteriores ("a ideologia é um instrumento de dominação" e "só é possível a partir da divisão do trabalho"), o autor afirma que toda a construção (e exposição) textual destinada aos treinandos, impregnada da ordem positivista, importa no estabelecimento de padrões de comportamento afinados com os interesses do capital, beneficiando a classe dominante.

Dessa maneira, conclui Dantas, "o trabalhador, ao assimilar as mensagens textuais, interioriza padrões de comportamento idealizados pela classe dominante. (...) Esta ideologia afasta qualquer tentativa de insubordinação no processo de trabalho" (p. 36). Então, fulmina, Dantas, "ao interiorizar a ideologia do treinamento o trabalhador submete-se ao capital".

Observando Trabalho, Ideologia e Trabalho e Ideologia

Procurei, até aqui, o máximo de fidelidade à construção e aos argumentos desenvolvidos pelo autor, dentro evidentemente daquilo que minha condição de interessado no tema permite. A relativamente extensa "apresentação" feita acima se deve, primeiro, ao meu entendimento de que Dantas abraça uma discussão densa, em poucas páginas embora; e, segundo, por isso mesmo, à minha pretensão de assim tornar patente o fio condutor de sua análise. De outra parte, não é por tomar o seu trabalho como interessante, sério e competente, que me cabe omitir algumas críticas que me surgem como oportunas de ser externadas. Quando menos porque procuro propor o dese-

nho de um eventual futuro debate, o que elimina de pronto qualquer pretensão de aprofundar-me agora nas questões. Feita a demarcação, vou às observações.

1. Principalmente porque diz respeito a um multi-tema, acredito plausível considerar o tratamento dado pelo autor às questões abordadas algo superficial, no sentido da ausência de mediações teóricas. É o que ocorre, por exemplo, em sua análise do processo de trabalho em Marx – por sinal mais rica nos *Grundrisse* e no *Capítulo VI (inédito)* –, que Dantas parece apreender mais seu corte cronológico que o *topológico*. Explico melhor. O estudo do processo de trabalho que em *O Capital* mesmo ocupa o lugar central do primeiro volume, permite, é certo, a compreensão da constituição do modo tipicamente capitalista de produção, mas a transcende. Do movimento inicial do processo (a Cooperação) à Maquinaria e Grande Indústria, a discussão proporciona, e aí reside o seu vigor, os meios conceituais necessários para se empreender uma análise do desenvolvimento (e das transformações, pois) do maquinismo e sua incorporação à produção, o que requer, na moldura marxiana, o simultâneo tratamento da adequação do trabalho aos propósitos da valorização do capital, envolvendo sim diferentes “etapas”, mas antes de tudo permeadas por um certo estado das contradições entre força de trabalho e capital. O traço distintivo entre uma e outra “etapa” importa então, para a análise e para o analista, naquilo que possibilita captar: o significado do movimento contraditório do capital, exacerbado tanto mais quanto já estejam estabelecidas as pertinentes condições ao curso (capitalista) da acumulação.

Isso não significa, como pode ser tomado apressadamente, cancelar uma leitura tecnológico-determinista, mas antes de tudo bem prover-se para investir em uma discussão sobre subordinação do trabalho ao capital (que não se confunde, porque diversa, com uma análise que persegue a subordinação/dominação). Na perspectiva apontada, aí sim (paradoxalmente?), o corte analítico não prescinde da temporalidade do movimento de transformação do processo de trabalho: ela é precisa para jogar luz sobre a necessidade (e não simplesmente possibilidade) que o capital (e não o capitalista *stricto sensu*) tem de exercer a coação extra-econômica, o despotismo diretamente desfechado sobre o trabalho, enquanto e sempre o primeiro estiver dependendo do segundo. Basta perceber que, a partir da irreversibilidade da configuração capitalista do processo de trabalho, decorrente das mudanças técnicas e da reorganização dos métodos de trabalho “manufatureiros”, o capital se concentra (literalmente inclusive) na e para a consolidação do seu específico processo de valorização, quando menos porque a subordinação real já significa o (pré)domínio – imanente – no processo de trabalho pelo capital.

Para não me alongar nesse ponto, adicionalmente registro que a leitura de Dantas reslumbra um *viés conspiratório*, muito próprio de H. Braverman (*Trabalho e Capital Monopolista*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980), certamente um referencial teórico utilizado pelo autor.

2. Ainda quanto à ausência de mediações, observo que a reunião (positiva e desejada) de fragmentos teóricos de diversas disciplinas nem sempre corresponde a (ou é garantia de) um bom resultado. Dantas trata ideolo-

gia com o Marx d'A *Ideologia Alemã* ao mesmo tempo que deixa vaziar uma fonte althusseriana. Não que exista aí uma incompatibilidade de leituras, uma falta de diálogo, mas ocorre que, para Althusser, a tese marxiana em *A Ideologia Alemã* ("a transposição imaginária é um produto de trabalho alienado") é insuficiente para responder por que é necessário que os homens representem de forma imaginária as suas condições de existência.

Aceitemos ou não como válida a observação de Althusser ao mouro ("Marx traça uma tese positivista-historicista em *A Ideologia Alemã*, ao tomar a ideologia pelo seu conteúdo negativo"), o fato é que em um trabalho que pretende discutir ideologia, como o de Dantas, a questão merece ser tematizada.

3. Uma última inconsistência na construção de Dantas: o autor aborda trabalho e ideologia sob uma perspectiva analítica fundamentada no materialismo dialético, preservando no entanto procedimentos tidos como *descritivos* e *objetivos*, o que representa encurtar o seu alcance maior, que se encontra na perspectiva de superação, de mudança. Não basta o rigor da pesquisa, o culto aos fatos objetivos, pois que a análise acaba limitada à constatação, ainda que séria, daquilo que já não está oculto sequer ao nível do senso-comum. Para esclarecer essa minha observação, é preciso enfrentar minimamente a concepção de ideologia do treinamento – enquanto ideologia da dominação/subordinação – com a qual o autor trabalha, em um plano distinto da observação 2, ainda que dela derive.

4. Para tanto, vale lembrar que a

vontade de dissipar toda ideologia, o desejo de ir às *próprias causas*, de *desvendar o existente*, é antes o que anima a filosofia feuerbachiana que a pretensão de Marx. Isso é razoavelmente importante para se evitar o grande mal-entendido que é tomar a investigação do real em Marx como um empreendimento que se confunde com a procura do oculto (o que eu chamo de "tese da ofuscatione"). A não ser que concordemos com as interpretações geralmente aceitas de que a teoria marxiana do fetichismo consiste em "ver relações humanas por trás das relações entre as coisas" e que se presta a "eliminar da mente dos homens a ilusão, o grandioso engano originado pela aparência dos fenômenos" e que propõe, em seu lugar, "a aceitação dessa aparência como essência dos fenômenos econômicos". A bem da verdade, essa interpretação não esgota o rico conteúdo da teoria do fetichismo desenvolvida por Marx, senão a reduz a uma brincadeira de esconde-esconde. Posso dizer, com I. Rubin (*A Teoria Marxista do Valor*. São Paulo, Brasiliense, 1980), que "Marx não mostrou apenas que as relações humanas eram encobertas por relações entre coisas" – quando muito o fez em *A Miséria da Filosofia* –, "mas também que, na economia mercantil, as relações sociais de produção assumem invariavelmente a forma de coisas e não podem se expressar senão através das coisas" (p. 20). Importa aqui, portanto, a *materalização* das relações de produção e não apenas a sua *mistificação* ou ilusão, pois que a *materalização* surge da estrutura interna da economia mercantil, e não de hábitos. Então, qualquer explicação do fetichismo, em termos de hábitos, é extremamente tênue, débil

mesmo.

Disso resgato qua a investigação marxiana (e marxista) sobre o real não se dá pela colagem deste com a ideologia, pois que ela mesma não se encontra desvinculada do real, não se esconde por trás do real, senão é parte do real, está no real, é também realidade. Mas por que a digressão? Porque quando falamos de treinamento/dominação como noção dependente da ideologia, não se trata de criticar um erro, um embuste, um fantasma: a ideologia, insisto, é real e guarda intimidade com uma prática capitalista real. Isso requer, então, uma indicação mais precisa dos elementos de uma crítica materialista do treinamento/dominação como ideologia de uma prática de dominação ideológica.

A crítica das raízes ideológicas da noção de treinamento/dominação deve ser colocada a um nível diferente, qual seja, o das origens práticas da ideologia da prática da dominação, da prática do treinamento. Duas instâncias têm de ser consideradas: primeira, quais as práticas que precisam apresentar-se como de dominação?; e, segunda, por que essas práticas têm necessidade de apresentar-se sob essa forma? Para mim a questão é clara, porque propõe sua resposta. Não basta reconhecer que a ideologia dominante é, em geral, a ideologia da classe dominante. Althusser mesmo dá o desconto, ao afirmar que "a classe dominante não mantém com a ideologia dominante, que é a sua ideologia, uma relação exterior e lúcida de utilidade ou de astúcia puras" (*Pour Marx*. Paris, Maspero, 1966 – ed. bras. Zahar, Rio de Janeiro, 1979 – p. 207). Devemos ter presente o caráter contraditório da dominação ideológica, que "é afirmada e negada simultânea-

mente, seja ao nível dos discursos ou de práticas sociais" (A. Parantou. *Dialética da Dominação*. Campinas, Papiurus, 1984 – p. 9), para assim nos afastarmos de conceber a dominação ideológica como simples afirmação dos valores afetos aos interesses da classe dominante.

A minha discordância para com a leitura de Dantas está na possibilidade que ela oferece de entendermos a ideologia do treinamento como uma ação puramente *instrumental*. Não se pode desprezar o fato de que aqueles que se servem de uma ideologia como de um meio de ação, de um instrumento, se encontram também eles abraçados por ela, no momento mesmo em que se servem dela, cientes de serem os "senhores incondicionais dela": precisam crer no seu mito, antes de convencer com ele os outros. Daí resulta que não se trata de uma concepção cínica, fabricada com conhecimento de causa, para enganar os trabalhadores e as massas. A ideologia do treinamento como ideologia da dominação, da subordinação é inerente ao pensamento da burguesa classe dominante. Estou certo de que Dantas não desconsidera parte do que me permiti aludir, mas entendendo factível a observação porque aqui, e não se confunda com posições dogmáticas, sectárias, parte do todo explícita muito pouco, e explica muito menos.

Uma última palavra: devo destacar, menos por praxe e mais por que de fato estou convencido, que o livro de Dantas ganha importância ou porque revela uma abordagem inteligente, ou porque certamente desperta o interesse dos iniciandos no tema, ou porque afinal suscita algumas reflexões. Malgrado as observações que registro, as quais

nem de longe ferem a seriedade da investigação e do próprio texto de Dantas, acredito ser possível, a partir das

preocupações e mensagens postas em seu livro, que se travem debates cuja pretensão maior esteja além da mera manifestação de opiniões.